

AS ACTIVIDADES MUSICAIS DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN VISTAS ATRAVÉS DO SEU 9.º FESTIVAL

por JOÃO DE FREITAS BRANCO

Impõe-se que este número do «Colóquio» registre as actividades musicais da Fundação Gulbenkian, em seus múltiplos aspectos. É o que passamos a ensaiar, mas observando esse já vasto panorama através do prisma do IX Festival Gulbenkian de Música, realizado em Maio e Junho últimos.

O espectáculo de inauguração, pelo Grupo Folclórico Arménio do Líbano, assinalou o facto de em 1965 se completarem dez anos sobre o falecimento de Calouste Gulbenkian. Quer pelo repertório apresentado, quer pelas características das execuções, não se tratou propriamente de um brinde para o público afecto à melhor música. Assistimos, porém, a algo de representativo de um desígnio do benemérito instituidor que, no campo das artes, não visou apenas as *élites* e a sua formação. A circunstância de se comemorar aquele aniversário fez, pois, que o festival começasse num ambiente recreativo que não teria normalmente lugar na sua programação, se bem que, noutras esferas de actividade, também pertença ao escopo da Fundação Gulbenkian proporcioná-lo.

Os concertos corais-sinfónicos de 17 de Maio e de 4 de Junho ilustraram uma das inúmeras tarefas que a Fundação tem chamado a si, esta a um nível superior da arte musical: a revelação de obras importantes no duplo sentido da extensão e da qualidade artística. Referimo-nos ao *Zoroastro*, de Jean-Philippe Rameau, e à *Criação*, de Joseph Haydn. A apresentação da primeira destas composições não pôde considerar-se inteiramente demonstrativa, porque as componentes teatral e orquéstica da tragédia lírica de Rameau se não associaram à puramente musical.

Estes dois mesmos espectáculos dão-nos ensejo de aludir a outra faceta dos serviços musicais da Fundação. Em ambos actuou o notável Coro Gulbenkian, um dos agrupamentos criados com o objectivo de enriquecer os meios da nossa produção musical. A formação menor denominada Coro de Câmara

Gulbenkian também entrou no festival; e vem a propósito mencionar desde já a também altamente qualificada Orquestra de Câmara Gulbenkian, o conjunto musical da Fundação que mais vezes tem comparecido em público.

Sérgio Varella-Cid, com todo um longo recital chopiniano a seu cargo, foi digno representante dos bolseiros da Fundação que nesta qualidade beneficiam de condições de aperfeiçoamento profissional. Inútil encarecer a relevância deste ramo de acção, um dos mais conhecidos sem dúvida. Não foi o categorizado pianista português o único bolseiro da Fundação interveniente na série de espectáculos.

Os concertos na Sé Catedral de Lisboa puseram em destaque o papel que a Fundação Gulbenkian também está desempenhando como doadora de instrumentos da cultura musical. O novo órgão da Sé vem permitir a intensificação de uma prática muito esquecida entre nós, de onde o diminuto conhecimento duma literatura fundamental, em comparação com a relativamente grande familiaridade que o público tem ganho, nestas últimas décadas, com o repertório pianístico, violinístico, violoncelístico, orquestral e operático.

Depois do concerto de inauguração do órgão houve mais dois também incluídos no festival. A simples menção de alguns autores interpretados por Piet Kee, Michel Chapuis, Gertrud Mersiovsky e Sibertin-Blanc põe a claro a função de pregoar um rico património sem o qual a música europeia, na sua generalidade, nunca provavelmente viria a ser aquilo que é: Titelouze, Sweelinck, Francisco Correa de Arauxo, Manuel Rodrigues Coelho, Reinken, Buxtehude, Bach, Haendel.

A referência ao nosso importante organista do entre quinhentos e seiscentos não esgota o que de música portuguesa houve nos concertos da Sé. Na tríplice programação figuraram também os nomes de Pedro de Araújo, Carlos Seixas, Frederico de Freitas e Ivo Cruz.